

A multimodalidade na escrita académica¹

Carla Teixeira^a, Audria Leal^{a,b}

^a Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa

^b Fundação para a Ciência e Tecnologia

1. Introdução

A ideia de que os textos são compostos por elementos verbais e não verbais é central para os estudos da multimodalidade. Segundo Kress (2014), a comunicação humana é naturalmente dotada de multimodalidade, uma vez que outros sistemas semióticos tais como os gestos, as cores, a diagramação, por exemplo, interagem com o sistema linguístico. Seguindo esta premissa, a teoria da multimodalidade defende que todos os textos são multimodais.

Deste ponto de vista, consideramos relevantes os trabalhos sobre a multimodalidade combinados com a investigação sobre géneros textuais no que refere se ao *cartoon* (Leal, 2011, 2018) e à *reportagem* em revista (Leal, 2018), sobre o *anúncio publicitário* (Leal & Teixeira, 2019) e sobre o *comentário jornalístico* (Teixeira, 2016). Sendo notório que os referidos géneros têm uma forte componente visual, há géneros que fazem um maior uso de recursos semióticos e que, por isso, são facilmente identificados como multimodais. Contudo, a multimodalidade é um fenómeno próprio da linguagem patente em qualquer produção textual, pelo que a atividade académica é prolixa na criação de figuras, imagens, quadros, tabelas, na composição de artigos científicos, como

estratégias multimodais que têm a intenção de comprovar ou sintetizar dados.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre a presença da multimodalidade na esfera acadêmica, mostrando que o uso de diferentes elementos semióticos faz parte do desenvolvimento do conteúdo temático, influenciando, inclusivamente, o processo de significação do texto. Para tal, consideramos Kress, Jewitt, Ogborn e Charalampos (2014) e Kress e van Leeuwen (2006) sobre o estudo da multimodalidade, combinados com os princípios teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 1999, 2008). Para atingir o nosso objetivo, explicaremos as perspectivas de análise dos referidos quadros de trabalho e, a partir de um *corpus* da área da linguística, descreveremos ocorrências multimodais do conteúdo informativo. Com este trabalho, pretendemos refletir sobre a noção de textos multimodais e como nestes interagem os diferentes modos semióticos, contribuindo para uma descrição do gênero *artigo científico* e referindo ainda práticas acadêmicas de referência que possam promover uma consciencialização no uso de diferentes modos semióticos.

2. Fundamentação teórica

Este trabalho tem como ponto de partida os princípios teóricos e metodológicos do ISD, cujo principal propósito é refletir sobre o uso da linguagem e o seu potencial de desenvolvimento para o ser humano (Bronckart, 2008) em sociedade. É em sociedade que se verificam as práticas de linguagem (ou *langagières*) assentes em modelos comunicativos, designados gêneros textuais, que, por sua vez, estão integrados em atividade(s) de linguagem e são selecionados em função da mensagem a veicular. Cada gênero textual materializa-se em produções singulares que atestam as práticas linguísticas em uso num determinado contexto. Deste modo, cada texto concretiza o gênero

numa dimensão exemplar, aproximando-se ou afastando-se do modelo (Coutinho, 2003, p. 344).

Se qualquer texto se relaciona estrutural e tematicamente com o gênero textual, considerando, por exemplo, o plano de texto e o conteúdo temático, a dimensão exemplar da genericidade também se manifesta ao nível das configurações discursivas. Na perspectiva socio-interacionista, a componente discursiva refere conjuntos de unidades supraordenadas relativamente ao texto, ditos tipos de discurso. Estes estão fundados em duas ordens que organizam a temporalidade: a ordem do expor, que remete para uma conjunção com o presente, e a ordem do narrar, que indicia uma disjunção relativamente ao momento presente. Por sua vez, cada uma delas vê-se ordenada em função da atorialidade²: a ordem do expor divide-se no tipo de discurso interativo, quando se manifesta uma implicação atorial do produtor textual, e no tipo de discurso teórico, face a uma ausência enunciativa do produtor textual; a ordem do narrar está delimitada em função dos mesmos parâmetros, isto é, uma implicação atorial disjunta do momento presente indica um discurso de relato interativo e uma ausência atorial do sujeito disjunta do presente remete para o discurso de narração. Esta descrição esboça o plano linguístico dos tipos de discursos que são, na verdade, fundados em construtos de mundos psicológicos e que representam as operações psicológicas da temporalidade e da atorialidade realizadas linguisticamente. Deste modo, a conceção de linguagem sociointeracionista está fundada ideologicamente em Saussure e Voloshinov, no sentido em que “a linguagem humana é *integralmente semiótica*” (Bronckart, 2017, p. 38), e que “a implementação (...) [de] unidades semióticas pelos sujeitos humanos é necessariamente sustentada por um conjunto de *operações psicológicas*, qualquer que seja o nível das entidades envolvidas.” (Bronckart, 2017, p. 39). Esta noção de linguagem sustenta igualmente as suas dimensões ontológica e gnoseológica, já que é a faculdade da linguagem, comum a todos os humanos, que lhes permite construir o conhecimento sobre os objetos.

2.1. A multimodalidade nos textos

A multimodalidade é a noção que refere a coexistência na comunicação humana de mais de uma modalidade de expressão, o que pode, por exemplo, envolver gestos, fala, escrita, imagem, gráficos. Esta noção é transposta para o universo dos textos por Kress e van Leeuwen, para quem todos os textos são multimodais, uma vez que à comunicação humana está associada mais de um tipo de linguagem. Mesmo nos textos ditos mais canônicos, em que há uma predominância de linguagem verbal, verifica-se o emprego de sistemas semióticos, como a pontuação e a paragrafação, que interagem com o sistema linguístico para criar significados coerentes. Além disso, com o surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias, há gêneros que trazem uma combinação variada de sons, cores, imagens, em interação com a língua. De facto, neste grande espaço multimodal na sociedade, cada vez mais, “novos modos são criados e modos existentes são transformados” (Kress *et al.*, 2014, p. 52). Assim, a multimodalidade está presente nas nossas atividades comunicativas, sendo uma das preocupações dos estudos da multimodalidade perceber qual o conhecimento necessário para ler esses textos de modo crítico, para que sejam coerentes e para que possam gerar compreensões.

A partir desta ideia, Kress *et al.* (2014) estudam a multimodalidade e os seus processos de ensino e aprendizagem, ao analisar as diversas linguagens implicadas, a partir de observações em aulas de ciências, o que contempla os textos utilizados nos processos de ensino e aprendizagem, e até os próprios gestos dos professores no momento da didatização dos conteúdos. Como resultado deste trabalho, Kress *et al.* (2014, p. 14) apontam três princípios teóricos sobre a comunicação multimodal na aula:

- a forma e organização dos diferentes modos semióticos na comunicação dependem da cultura em que são produzidos. As suas articulações produzem significados a partir das exigências da prática social ou mesmo das necessidades comu-

nicativas das diferentes comunidades culturais, o que assinala que os significados nem sempre são iguais para todos os leitores.

- os significados das linguagens são construídos no entrelaçamento dos vários modos semióticos e destes com o contexto em que são produzidos, pelo que a própria interação produz significados.
- os sistemas de comunicação podem ser considerados como sistemas abertos. Ou seja, o processo de significação nunca é estático, mas fluido, por isso, os modos de comunicação desenvolvidos respondem às necessidades comunicativas de uma sociedade.

2.2. A noção de signo

2.2.1. O signo na perspetiva do Interacionismo Sociodiscursivo

Na perspetiva do ISD e de outros estudiosos dos textos de Saussure, houve uma banalização do signo que se manifesta na dicotomia língua / fala com o *Cours de Linguistique Générale*, organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Neste, a unidade linguística localiza-se no domínio gramatical e o signo é tido como a união entre o *significado*, o conceito, e o *significante*, a imagem acústica. É no plano gramatical que se interpretam as propriedades do signo: a arbitrariedade (o signo é não motivado) e a linearidade (o signo é passível de segmentação). Contudo, apontamentos de aulas de alunos de Saussure e de outros manuscritos do autor que não foram considerados no *Cours* permitem afirmar que este considerava o signo uma entidade física e mental, no qual a arbitrariedade se verifica entre a imagem acústica e o conceito no nível psicológico. Saussure (1967, p. 33) afirma, inclusivamente, que a linguística é “une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie social[.]”. Deste modo, a geração de unidades semióticas dá-se no social, o que quer dizer que há um princípio de estruturação interna, no

qual a fundação do sentido é independente de uma ordem prévia, prevalecendo uma dimensão interpretativa, permitindo a Bulea Bronckart (2010) perspetivar o signo em múltiplos patamares de análise linguística, isto é, uma macroestrutura que reúne um conjunto de signos. É possível então observar o texto como um macrossigno que integra outros signos com extensões diferentes.

2.2.2. O signo na perspetiva da multimodalidade

Adotar a perspetiva da multimodalidade tem como consequência pensar sobre a noção de signo, o que inevitavelmente extrapola os limites do “puramente” linguístico. A própria noção de que os textos são multimodais, uma vez que apresentam na sua estrutura mais de um modo semiótico, verbal e não verbal, indica que o signo tem naturezas diversas. A noção de signo desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006) parte da célebre noção desenvolvida por Saussure, que considera o signo composto pelos dois conhecidos componentes: um formal, o *significante*, e um outro de conteúdo, o *significado*. Contudo, para Saussure (2002), no *Cours*, a relação entre o significado e o significante é arbitrária e, ao mesmo tempo, estática. Com efeito, também a multimodalidade reaprecia a relação arbitrária no âmbito do linguístico, considerando a forma fonética como sendo o significante que não tem escolha ou intenção na relação estabelecida com o seu significado. No entanto, ao ampliar a noção de signo além do linguístico e ao considerar que a forma não é apenas definida pelos aspetos fónicos, assume-se que a relação entre o significante e o significado é uma relação motivada socialmente, como se verifica:

In our view signs are never arbitrary, and motivation should be formulated in relation to the sign-marker and the context in which the sign is produced, and not in isolation from the act of producing analogies and classifications. (Kress & van Leeuwen, 2006, p. 8)

Em contrapartida, nos *Écrits*, Saussure (2002, p. 277) considera que “la langue n’est créée qu’en vue du discours” e que a motivação é gerada pelas práticas sociais. Assim, Saussure afirma que, por um lado, há a realização da língua, mas, por outro lado, o discurso alimenta constantemente essa realização, que não existiria ou que desapareceria sem ele (Bronckart, 2008, p. 34).

A proposta do Kress e van Leeuwen vai exatamente no sentido de, como afirmam Pimenta e Santana (2007, p. 155-156), “a língua não é somente uma representante das práticas sociais, mas, também, um instrumento capaz de influenciar, criar e transformar a realidade social”. Logo, a relação entre o significante e o significado é motivada socialmente e todos os critérios envolvidos no social vão influenciar esta relação. É de concluir que os participantes da interação social produzem e reproduzem significações a partir do mundo social em que se situam: “estas significações são expressas na linguagem a partir de diferentes modos semióticos não apenas da ordem do linguístico, mas também pelo visual.” (Leal, 2016, p. 7).

2.2.3. Quando o social influencia a produção do signo

Um dos pressupostos comuns às perspectivas teóricas mencionadas é que o social influencia a produção textual ou comunicativa, sendo que os significados são criados para responder às necessidades comunicativas da sociedade. Como consequência, o tipo de atividade / prática social influencia o significado do signo, incluindo as suas formas e organização. Destaca-se que a atividade social é percebida pela Semiótica Social e pelo ISD como uma prática desenvolvida coletivamente, o que quer dizer que a construção do sentido é produzida nos textos a partir do seu contexto em sociedade, bem como pelo contexto social em que o sujeito leitor está inserido (Leal & Teixeira, 2019). A própria noção de texto destas correntes indica a centralidade da prática social nas ações comunicativas da sociedade, tal como se evidencia:

O texto não é, em si mesmo, uma unidade linguística, pois suas condições de abertura, de fechamento (e, provavelmente, de planeamento geral) não dependem do linguístico mas são inteiramente determinadas pela ação que o gerou. (Bronckart, 2006, p. 139)

Our focus is on textuality, on the social origins and production of text as much as on the reading of text. We call this practice social semiotics to draw attention to all forms of meaning making as a social activity, set in the field of politics in structures of power; and subject therefore to the contestations arising out of the differing interests of the makers of texts[.] (Kress, Leite-Garcia & van Leeuwen, 1997, p. 259)

Assim, o domínio social determina os significados produzidos nos textos, o que vai desde a escolha do género textual até às realizações linguísticas. De facto, a relação entre o social e o textual caracteriza-se como um movimento dinâmico, descendente (do social para o textual), acompanhado também por um movimento ascendente (Bulea Bronckart, 2010, p. 69), pois é a partir dos textos que são percecionadas as mudanças que se dão no plano social (Leal & Teixeira, 2019).

3. O género textual *artigo científico*

3.1. *Corpus*

Neste trabalho, consideramos o género textual *artigo científico*. Foram critérios de seleção na constituição do *corpus* o suporte do texto, a publicação em revista (ou a reprodução do formato de revista em atas), e o perfil do produtor textual, ao nível do desempenho atorial académico como sendo possuidor do grau de doutor, e ao nível do desempenho linguístico como falante de Português Europeu. A recolha foi efetuada digitalmente.

Foram selecionados cinco exemplares do referido género das áreas de especialidade do Texto, Discurso e Análise Conversacional e cinco da Sintaxe e Aquisição da Linguagem, perfazendo um total de dez textos, cuja listagem se encontra disponível no final deste trabalho.

Justificamos a eleição deste conjunto de disciplinas como sendo das mais representativas dos grupos de investigação do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Além disso, julgamos relevante documentar as práticas textuais destes campos, tanto para a reflexão dos investigadores que nelas se inscrevem, como para os estudantes dos vários ciclos de estudos que frequentam unidades curriculares ou realizam as suas dissertações e teses nestas áreas.

São facilmente reconhecíveis como elementos multimodais nos textos a presença de desenhos, fotografias e a presença da cor. No *artigo científico*, a multimodalidade dá-se pela inclusão de quadros, imagens, tabelas, diagramas e gráficos e na apresentação visual dos resultados. Contudo, há ainda que considerar outros elementos que também adquirem expressividade na perspetiva multimodal, como a formatação (por exemplo o tamanho e o tipo de letra, entre outros), a paragrafação, os espaços em branco, a ocorrência de números. Além disso, a dimensão linguística está sempre presente nos textos, seja por meio especificamente da língua, seja através do uso de modos semióticos que tenham subjacentes operações psicológicas e, conseqüentemente, uma mensagem. Por fim, atendendo a que a recolha do *corpus* compreendeu o uso da *Internet*, estamos conscientes da pluralidade de recursos semióticos presentes na comunicação e que são gerados pelas novas tecnologias. Contudo, estes não serão objeto de reflexão neste trabalho: o uso do digital foi um meio de recolha de textos que tem a intenção de divulgar a investigação científica e que foi utilizado neste âmbito.

4. Análise de dados

A partir da leitura dos artigos científicos, foi identificada a presença de três operações textuais, *expor*, *comprovar* e *sintetizar*, que visam genericamente apresentar dados e são realizadas por macrosignos. Em termos do plano de texto (Adam, 2001, p. 28), verificámos

que a apresentação de dados se pode dar na fundamentação teórica (que compreende a introdução e/ou a fundamentação teórica propriamente dita), na metodologia, na análise de dados e na conclusão. Ainda que se tenham identificado vários tipos de operações textuais, estas podem ser concretizadas de modos diferentes, atendendo à área disciplinar e à natureza do objeto linguístico.

4.1. *Expor dados*

Para *expor dados* na parte da fundamentação teórica, Brito (2012, p. 1) e Estrela (2016, p. 1011), que pertencem ambas ao campo da Sintaxe e Aquisição da Linguagem, fazem uma apresentação do *corpus*. Contudo, Brito opta por uma exposição de enunciados numerados, sendo que um dos números se desdobra em dois exemplos que visam exemplificar uma mesma forma de nominalizar o infinitivo. A centralização dos dados na página e respetiva numeração mencionada visam organizar e destacar a informação, ao passo que Estrela prefere, pela qualidade dos elementos, fazer uso de uma tabela com tópicos informativos de dupla entrada nos eixos horizontal e vertical que se interseccionam para comprovar, ou não, as propriedades do objeto de estudo, ou como a autora lhe chama, o comportamento dos participípios eventivos em português.

- (1) (a) *O cantar dos Alentejanos causa-me emoção.*
- (b) *A revolta no Egipto foi o virar de uma página.*
- (2) *O ter ela escrito esses poemas não me espantou.*

Exemplo 1 – Brito (2012, p. 1)

Quadro I: O comportamento de participios eventivos, resultativos e estativos em Português

	Eventivo	Resultativo	Estativo
Sintagmas preposicionais de valor instrumental	✓	*	*
Orações subordinadas finais	✓	*	*
Complemento agente da passiva	✓	*	*
Advérbios orientados para o agente	✓	*	*
Expressão em <i>x</i> tempo	✓	✓	*

Fonte: Estrela (2013), elaborado a partir de Duarte e Oliveira (2010)

Exemplo 2 – Estrela (2016, p. 1011)

Ainda relativamente à operação textual *expor dados*, na área do Texto, Discurso e Análise Conversacional, Morais (2010, p. 254) mostra o *corpus* analisado, ao representar uma tabela de duas colunas, na qual a coluna da esquerda indica os tópicos e a da direita é composta pela transcrição do *corpus* com os turnos de fala e a identificação dos intervenientes.

	58	XXX //
Tópico 7 <i>A ajuda da sogra</i>	59	ISA e ela não ajuda nada / lá em casa?
	60	BEA O faz / faz o serviço dela //
Tópico 8 <i>O trabalho em casa da sogra</i>	61	então eu não sujo nada //
	62	O sujo / O limpo / não é? [...]

Exemplo 3 – Morais (2010, p. 254)

Na mesma área, mas pretendendo evidenciar uma metodologia usada em sala de aula, Freitas e Tuna (2013, p. 64) revelam a sequencialidade temporal do processo através de tópicos informativos inseridos em retângulos que se relacionam entre si por meio de setas;

a ideia de conjunto é conferida por um grande retângulo que encapsula toda a informação do conjunto.

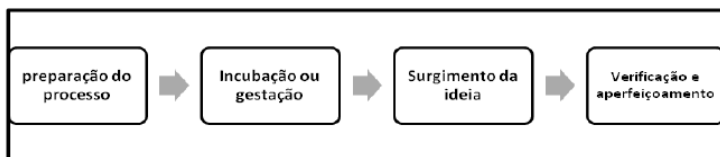


Figura 6 - Fases do processo criativo (adaptado de Cardoso, 2000, pp. 29-32)

Exemplo 4 – Freitas e Tuna (2013, p. 64)

4.2. *Comprovar dados*

A imagem é usada com a intenção de exemplificar dados em Freitas e Tuna (2013, p. 53) e em Lobo e Silva (2017, p. 328). No primeiro caso, que ocorre na fundamentação teórica, a imagem surge integrada num género textual, o *anúncio publicitário*, e é um elemento central na geração de sentido: o vermelho do sapato alto relaciona-se com o vermelho do batom, o produto publicitado, que se encontram ambos unidos pela elegância e feminilidade.

Figura 1 - Exemplo de metáfora visual



Exemplo 5 – Freitas e Tuna (2013, p. 53)

Quanto ao segundo caso, as imagens criadas para um público infantil são o dispositivo usado para verificar a preferência interpretativa da presença do sujeito nulo em crianças, um teste realizado no âmbito da Sintaxe e Aquisição de Linguagem.



Imagem 1. Exemplo de imagens usadas no teste.

Exemplo 6 – Lobo e Silva (2017, p. 328)

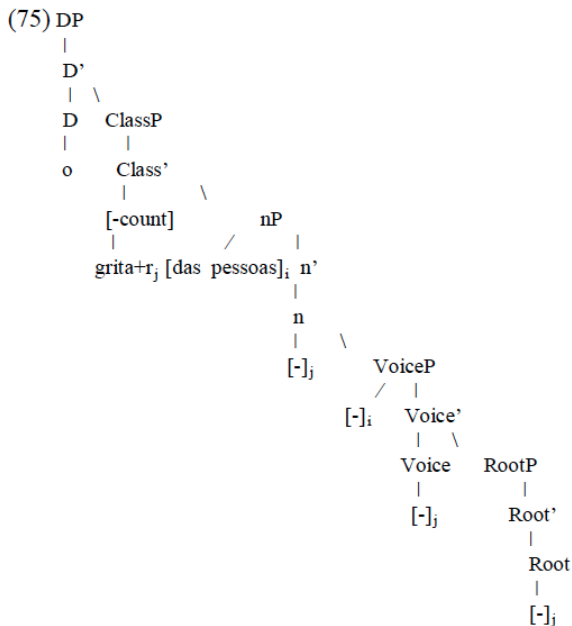
Com a intenção de exemplificar a análise, Duarte Marques e Pinto (2017, p. 107) observam um *anúncio publicitário*, no qual a imagem, um avião, está relacionada com o serviço anunciado, voar na *British Airways*, por uma relação de coerência com o próprio *slogan* “Os velhos amigos são os melhores”, aludindo às relações de amizade entre Portugal e Inglaterra que remontam à Idade Média.



Exemplo 7 – Duarte Marques e Pinto (2017, p. 107)

Ainda nesta área linguística, são escolhidas outras representações para comprovar dados. Para a análise de dados, Brito (2012, p. 111) opta por uma representação em árvore e por uma representação da estrutura (2012, p. 109) do infinitivo nominal entre parêntesis retos. Estas estratégias são ambas típicas da área disciplinar. São representações que possuem um alto grau de abstração, porque convocam categorias com siglas em inglês, o que pressupõe um domínio prévio de leituras deste campo, e porque envolvem uma descrição detalhada lexical e sintática, a ser completamente assimilada pelos especialistas de Syntaxe e Aquisição de Linguagem. De igual modo, uma representação híbrida, com enunciado e representação parentética, é usada por Pereira (2015, p. 101) para exemplificar a metodologia. No entanto, em termos da operação textual *comprovar dados* na parte correspondente à análise, a partir de uma perspectiva de estudos do texto, Coutinho (2008, p. 204) para tratar de formas linguísticas que atuam como marcadores conversacionais também apresenta enunciados, mas sem qualquer tipo de representação formal, desnecessária para o tipo de discussão que a autora pretende. Destacamos que este tipo de estratégia, centralização de dados na página, já tinha sido anteriormente evidenciada com o exemplo 1 de Brito (2012, p. 1), o que demonstra que

a mesma técnica pode ser usada em diferentes partes do plano de texto.



Exemplo 8 – Brito (2012, p. 111)

(72) [TP [AspP [VoiceP [vP [RootP/ VP / √P]]]]]

Exemplo 9 – Brito (2012, p. 109)

iv) como vestígio de um clítico coindexado com um pronome (acusativo em (21), ou dativo em (22)), que se encontra realizado no domínio superior:

(21) – Certo não, disse ele, mas eu _{NP-ACC} **a**₋₁ vi _{IP-NP-NP-SBJ} ₋₁ ^{*} falar com o mestre de@ @os cristãos (JAR48,15)

(22) Quando el-rey, que bem viu os golpes que dava, _{NP-DAT} **lhe**₋₁ viu _{IP-NP-NP-SBJ} ₋₁ ^{*} alçar a espada, nom teve atrevimento de esperar o golpe, (JAR98,22)

Exemplo 10 – Pereira (2015, p.101)

- (1) O João contou tudo à irmã. Sentiu-se, então, muito aliviado.
- (2) No ano 2000, haverá moeda única na Europa. Terei, então, 40 anos.
- (3) Esta inferência pode ser cancelada sem contradição. Então, é uma implicatura.
- (4) Queres entrar em medicina? Então estuda!
- (5) A: A Patrícia vem jantar? B: Vem. A.: Então, fico em casa.
- (6) A: Cheiras a tabaco. B: E então?
- (7) Então, não vens?

Exemplo 11: -Coutinho (2008, p. 204)

Em comparação, por exemplo, com o conhecimento que é representado em Freitas e Tuna (2013, p. 64), Morais (2010, p. 254) e Coutinho (2008, p. 204), as representações formalizadas por Brito e por Pereira são, em termos de legibilidade para linguistas de outras áreas (e conseqüentemente, para o público em geral), menos acessíveis.

4.3. *Sintetizar dados*

No que diz respeito à operação textual *sintetizar dados*, Estrela recorre a um quadro e a um gráfico para cumprir esta função. Com informação da área da Sintaxe e Aquisição da Linguagem, o quadro (Estrela, 2016, p. 1013) com entradas na horizontal e na vertical, difere de outros exemplos já apontados, porque os elementos verbais são apresentados em paralelo com elementos numéricos de carácter estatístico. Com o objetivo de mostrar os dados de análise, o gráfico de barras de Estrela (2016, p. 1014) operacionaliza a visualização dos dados com o apoio de cores.

Quadro 2: Idades e produções das crianças representadas no *corpus* de Santos (2006)

Criança	Idade	MLUw ⁴	Número de ficheiros	Número de enunciados da criança
INI	1;6.6 - 3;11.12	1.527 - 3.815	21	6,591
TOM	1;6.18 - 2;9.7	1.286 - 2.954	16	6,800
INM	1;5.9 - 2;7.24	1.315 - 2.370	15	5,101

Fonte: Santos (2006)

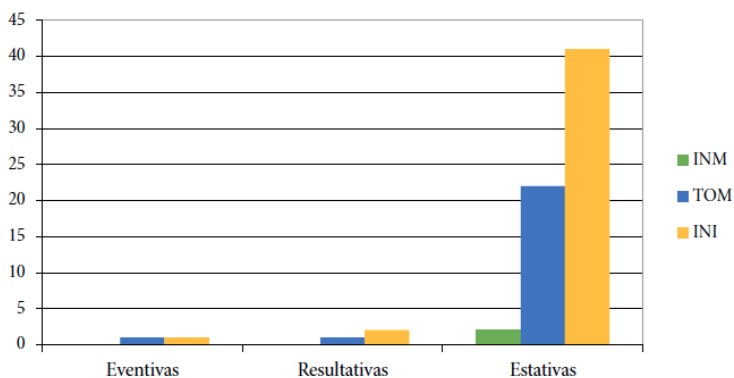
Exemplo 12 – Estrela (2016, p. 1013)

Gráfico 1: Número de passivas produzidas pelas três crianças

Exemplo 13 – Estrela (2016, p. 1014)

A síntese de dados é igualmente relevante na conclusão dos trabalhos: Martins (2015, p. 92) faz convergir dados numéricos e estatísticos nesta parte do artigo científico; por outro lado, Rodrigues e Silvano (2016, p. 742) recorrem a uma estrutura numerada para apresentar e destacar algumas das suas notas finais, à semelhança do exemplo 1 e do exemplo 11.

Receitas	1-25	107-151	221-283	Total
Ênclise	22	34	66	116 32%
Próclise	49	85	128	246 68%

Quadro 3. Partes do livro com domínio da Próclise

Receitas	26-106	152-220	1*-20*	Total
Ênclise	126	382	72	564 78,6%
Próclise	70	72	26	154 21,6%

Quadro 4. Partes do Livro com domínio da Ênclise em contextos de variação

Exemplo 14 – Martins (2015, p. 92)

Por outro lado, os alunos ainda não são capazes de:

1. elaborar com competência um segmento de argumentação, recorrendo a argumentos e exemplos válidos;
2. realizar operações de negociação, de contra-argumentação;
3. estabelecer relações retóricas mais complexas como a Negação do Obstáculo;
4. usar com proficiência elementos e estruturas linguísticos variados para marcar as relações retóricas.

Exemplo 15 – Rodrigues e Silvano (2016, p. 742)

4.4. Configurações discursivas e multimodais

Considerando a ocorrência dos dados analisados no contínuo da escrita de um *artigo científico*, estes ocorrem numa posição de destaque em situação de suspensão da mancha gráfica. Nesse sentido, os dados apresentados denunciam uma relação de intertextualidade face a outros artigos e documentos de trabalho que tenham sido produzidos no decurso da investigação, ou seja, uma seleção, recorte e relocalização dos dados. Assim, de um ponto de vista discursivo, julgamos que os dados analisados manifestam uma ordem mínima do

expor, sublinhando as coordenadas básicas da temporalidade ancorada no presente e da autonomia enunciativa.

Ao tomar como exemplo algumas das legendas dos dados que apresentamos anteriormente, “Quadro 1: O comportamento de participípios eventivos, resultativos e estativos em Português”; “Fonte: Estrela (2013), elaborado a partir de Duarte e Oliveira (2010)” (Estrela, 2016, 1011); “Gráfico 1: Número de passivas produzidas pelas três crianças” (Estrela, 2016, p. 1014); “Figura 6- Fases do processo criativo (adaptado de Cardoso, 2000, pp. 29-32)” (Freitas & Tuna, 2013, p.64), verificamos a ausência de formas verbais, o que significa que há uma leitura da temporalidade ancorada no presente com um valor genérico ou gnômico. Também observamos uma ausência de formas de pessoa, o que, juntamente com o valor temporal anteriormente referido, situa discursivamente estes exemplos na ordem do expor, a partir das propriedades do discurso teórico.

Esta caracterização do conjunto dos dados face ao contínuo da escrita não destitui outras características que estes possam apresentar e que sejam intrínsecas ao género textual ou decorrentes da situação de comunicação, por exemplo, a presença de discurso interativo (marcas de pessoas com o presente do indicativo: Morais, 2010) ou de relato interativo (marcas de pessoa com formas verbais de passado: Pereira, 2015).

Destacamos igualmente a presença de outros dois tipos de configurações discursivas. No primeiro tipo, o caso do *anúncio publicitário* em Freitas e Tuna (2013, p. 59). Neste, o género deixa a sua função comunicativa primária (fazer publicidade de tal produto) para assumir uma função específica dentro do *artigo científico* que é o de ser exemplo, configurada na operação textual *comprovar dados*. Observa-se uma reconfiguração discursiva e funcional do *anúncio*: o *anúncio* deixa de ter a localização temporal e a implicação atorial associadas à sua função primária, o que significa que o leitor do *artigo científico* reconhece o género *anúncio* e a atividade a ele associado, mas é a partir

do reconhecimento desta função primária que o leitor faz um reenquadramento das marcas discursivas e, principalmente, um reenquadramento funcional, considerando a operação *comprovar dados*. Neste caso, em particular, essa resignificação do gênero também é assinalada, dentro do texto, a um nível composicional, com o destaque da colocação do gênero na configuração da página do *artigo*. O segundo tipo de reconfiguração discursiva aplica-se a legendas, quadros, gráficos e outras representações mais abstratas do conteúdo informativo, nos quais são patentes as marcas discursivas da ordem do expor autônomo, caracterizada pela ausência de implicação atorial e temporal. Efetivamente, quando é maior a dependência dos elementos não verbais, dá-se uma operação psicológica não marcada linguisticamente cuja interpretação é multimodal, típica do gênero *artigo científico* e da atividade acadêmica.

5. Notas conclusivas

Para os estudos do interacionismo sociodiscursivo, o texto é resultado das atividades humanas e, como tal, a sua organização e o seu funcionamento vão depender das escolhas do produtor textual para atingir o objetivo comunicativo traçado numa atividade específica. Entre estas escolhas, destaca-se o gênero e a sua configuração discursiva. Bronckart (2008, p. 86) afirma que os gêneros são formas textuais padronizadas estabilizadas pelo uso no momento da sua produção. Assim, os gêneros caracterizam-se como sendo modelos adotados e adaptados pelo produtor a uma determinada situação comunicativa. Por sua vez, as configurações discursivas, realizadas pelos tipos de discurso, figuram de modo infraordenado ao texto e ao gênero face às representações que o produtor possui do mundo real. Deste modo, os gêneros têm uma estreita dependência para com as atividades sociais, como também fazem dos tipos discursivos entidades da língua com os quais vão ter uma certa relação de dependência.

A partir da observação de um *corpus* de dez *artigos científicos* das áreas de especialidade do Texto, Discurso e Análise Conversacional e cinco da Sintaxe e Aquisição da Linguagem, foram analisados exemplos de três operações textuais, *expor dados*, *comprovar* e *sintetizar dados*. Nos exemplos considerados, verifica-se a passagem de um modo semiótico para outro, o que conduz a uma reconfiguração textual introdutora de novos significados, com migração do conteúdo informativo e diferentes reconfigurações discursivas. Esta nova configuração estabelece outros objetivos e finalidades, subordinando as operações textuais ao objetivo do género e da atividade com que este se relaciona.

Notas

1. Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), no âmbito do projeto UID/LIN/03213/2019 e da bolsa de Pós-Doutoramento de Audria Leal, com a referencia SFRH/BPD/111234/2015.
2. Atorialidade tem origem em “ator”, termo usado em ciências sociais. Neste contexto, “atorialidade” refere as marcas do sujeito, por isso, uma atorialidade implicada compreende a presença de marcas e uma não implicação pressupõe a sua ausência; as marcas, ou a sua ausência de acordo com o género textual, podem ainda descrever o tipo de desempenho mais ou menos proficiente do produtor textual.

Corpus

Texto, Discurso e Análise Conversacional

- Coutinho, M. A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, 2, 193-210.
- Duarte, I. M., Marques, A., & Pinto, A. G. (2017). O discurso publicitário ao serviço da construção da identidade no Estado Novo: o caso de Mundo Gráfico. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 6, 97-117.

- Morais, A. (2010). Narrativas conversacionais: entre o acto comunicativo e o modo de enunciação. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, 5, 247-266.
- Freitas, E. S., & Tuna, S. G. (2013). O discurso publicitário em sala de aula: objecto de análise discursiva e modelo de escrita no mundo real. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 2, 53-71.
- Rodrigues, S. V., & Silvano, P. (2016). O conhecimento linguístico na organização discursiva da escrita argumentativa no final do re-visto secundário. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1(10), 721-744.

Sintaxe e Aquisição da Linguagem

- Brito, A. M. (2012). A nominalização do infinitivo em Português Europeu: aspetos sintáticos e semânticos. In F. Silva, I. Falé, I. Pereira, & J. Veloso (Org.), *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 98-120). Lisboa: APL. Disponível em https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/4_Brito.pdf (Consultado a 12.08.2018)
- Estrela, A. (2016). A Estrutura passiva num corpus de aquisição. *Fórum linguístico*, 13(1), 1009-1021. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n1p1009-31467> (Consultado a 12.08.2018)
- Lobo, M., & Silva, C. (2016). Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do português europeu: crianças vs. adultos. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 2(10), 319-338. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/article/view/1577> (Consultado a 12.08.2018)
- Martins, A. M. (2015). Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos. *Estudos de linguística galega*, 7, 83-94. Disponível em <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/2373> (Consultado a 12.08.2018)

Pereira, S. (2015). Construções perceptivas e ordem palavras num texto medieval. *Estudos de linguística galega*, 7, 97-108. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/2331> (Consultado a 12.08.2018)

Referências

- Adam, J.-M. (2001). En finir avec les types de texte. In M. Ballabriga, *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interpretation* (pp. 25-43). Toulouse: EUS.
- Bronckart, J.-P. (1999). *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos. Por um Interacionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- Bronckart, J.-P. (2006). Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. In A. R. Machado, & M. de L. Meirelles (Orgs.), *Atividade de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras.
- Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours et degrés de Langue. *Revue Texto!*, XIII(1). Disponível em http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf
- Bronckart, J.-P. (2017). Os gêneros de texto, quadro organizadores da “verdadeira vida” dos signos. In E. G. Lousada, L. Bueno, & A. M. de M. Guimarães (Org.), *As unidades semióticas em ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo* (pp. 37-50). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.
- Bulea Bronckart, E. (2005). Est-ce ainsi que les signes vivent? *Texto! Textes et cultures*, 10(4). Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:54952>. (Consultado a 14.03.2016).
- Bulea Bronckart, E. (2010). La langue au service du texte? *Estudos linguísticos / Linguistic Studies*, 5, 55-76. Disponível em <http://>

- clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/5c-ecaterina-bulea.pdf (Consultado a 20.5. 2018)
- Bulea Bronckart, E. (2014). Le modèle d'analyse de textes élaboré dans le cadre de l'ISD et son exploitation didactique. *Eutomia*, 13, 511-531. Doi:10.19134/eutomia-vii13p521-531
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Kress, G. & van Leeuwen, T. (2006). *Reading Images: The Grammar of Visual Design* (2nd ed). London: Routledge.
- Kress, G., Leite-Garcia, R., & van Leeuwen, T. (1997). Discourse Semiotics. In T. van Dijk (Ed.), *Discourse as structure and process: Studies a multidisciplinary introduction* (Vol. 1). London / Thousand Oaks: Sage.
- Kress, G., Jewitt, C., Ogborn, J., & Charalampos, T. (2014). *Multimodal teaching and learning. The Rhetorics of the Science Classroom*. Bloomsbury Classic in Linguistics.
- Pinto, R. (2011). Multimodalidade em outdoors políticos: propostas de análise. In C. Andrade, & A. L. T. Cabral (Org.), *Práticas Linguístico-Discursivas* (pp. 71-92). São Paulo: Terracota.
- Leal, A. (2011). *A organização textual do género cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não-linguísticos* (Tese de doutoramento). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/6646>.
- Leal, A. (2016). A construção da temporalidade no texto multimodal. *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, 17(1), 53-69. Doi:10.26512/les.v17i1.4428
- Leal, A. (2018). As representações semióticas no gênero Reportagem em revistas publicadas em Portugal. *Linguagem em (Dis)curso*, 18(2). Doi:10.1590/1982-4017-180205-10717
- Leal, A., & Teixeira, C. (2019, no prelo). Textos e gramática em Publicidade: avaliação de práticas linguístico-textuais. In *NOVALing*.

Textos selecionados da Grato 2015, Conferência em Gramática & Texto 2015.

- Pimenta, S. M. O., & Santana, C. D. A. (2007). Multimodalidade e semiótica social: o estado da arte. In A. C. F. Matte (Org.), *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática* (2.º vol., pp. 152-174). Lucerna: Rio de Janeiro.
- Saussure, F. de (1967). *Cours de linguistique générale* (Edição crítica de Tullio de Mauro). Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Saussure, F. (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- Teixeira, C. (2016). Questões de semiótica e de gramática em comentários jornalísticos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade (Papers on Language and Society)*, 17(1), 140-161. Doi: 10.26512/les.-v17i1.4432